

mnemnis

#04

Boletim Eletrônico das V JORNADAS DA
EBP SEÇÃO LESTE-OESTE



SUMÁRIO

- 3 EDITORIAL**
- 4 EIXOS TEMÁTICOS**
- 6 ARTE E CULTURA**
- 9 LIVRARIA**
- 11 INFORMAÇÕES BUSSOLARES**

EDITORIAL

Tiago Barbosa

Integrante da Comissão de Boletim das V Jornadas da EBP-SLO.

Estamos a pouco mais de um mês para nos encontrarmos nas V Jornadas da EBP - Seção Leste-Oeste: CORPO, M-E-M-Ó-R-I-A. Marco que contribui para dar corpo à psicanálise e ao saber psicanalítico daqueles que se implicam em seu pilar de sustentação referente ao ensino.

Nesta direção, Marina Recalde (EOL/AMP) nos brinda com um “aperitivo” de suas reflexões sobre o tema dessas Jornadas, sobre os traços que formam a memória e essa condição fragmentária. E destaca isso dos autores Friedrich Nietzsche e Jorge Luís Borges, em suas digressões sobre a memória e os processos do esquecimento.

Na sequência desta aba, encontraremos o texto de Caroline Quixabeira, participante da Nova Política da Juventude da Escola, que nos propõe trabalharmos pela formação de um saber, de maneira contingente a cada um dos praticantes, mediados pelo encontro dos nossos corpos, engajados no pensar e trocar e, ao mesmo tempo, entregues aos nossos processos pessoais de análise.

Trabalhos como esses nos incitam a reiterar nossos estudos sobre os traços de memória inscritos no corpo, que constituem suas formações inconscientes, e sobre a relação entre os significantes e os discursos dos falasseres.

Ao longo deste Boletim e no fio dessas Jornadas, também teremos outras ligações entre arte e psicanálise, com a reprodução de duas entrevistas sobre o fazer artístico. Fabíola Menezes, artista plástica pela UFES e pesquisadora em plastinação, concentra suas produções entre o desenho e a pintura de corpos e figuras anatômicas, regida pelas ideias do autor e filósofo Roland Barthes.

Na sequência, Rosana Paste, doutora pela UFES com tese intitulada “Artista-professora: cartografia e processo”, direciona o nosso olhar para a importância dos traços de memória das primeiras percepções do mundo, que somados a outros traços marcam o corpo e formam cadeias significantes que representam a realidade psíquica de um falasser.

Animados pelo desejo e pela renovação constante do corpo psicanalítico a qual a Nova Política da Juventude acena, podemos incrementar nosso arcaibouço dialético com mais uma proposta literária destacada pela Comissão de Livraria, com títulos que vão desde o bordamento entre o sujeito e o Outro, a um novo tipo subjetividade, uma nova organização dos corpos, no mundo contemporâneo, além de uma revisão do percurso da psicanálise até os tempos atuais.

Boa leitura! Nos vemos em breve!



EIXOS TEMÁTICOS

Nossa convidada especial nestas V Jornadas, Marina Recalde, respondendo a uma pequena provocação da equipe editorial do MNEMIS, nos brinda com um fragmento preliminar do que lhe ocorre a partir do tema proposto: Corpo, M-E-M-Ó-R-I-A. O resultado vocês poderão acompanhar abaixo. Em poucas linhas, Marina, acende a promessa do que podemos esperar da sua participação e incendeia o desejo de que setembro chegue logo. Confira!



Marina Recalde (EOL/AMP)

Agradeço o convite para participar deste boletim sobre um tema tão apaixonante para mim como o do Corpo e da Memória. O tema me pareceu uma excelente escolha, primeiramente colocando o corpo e, em seguida a m-e-m-ó-r-i-a.

Em primeiro lugar, colocar o corpo em primeira instância já implica uma posição: para poder falar de memória, é preciso ter um corpo. Não há memória sem corpo.

E, por sua vez, colocar os hifens entre as letras, me fez pensar que talvez tenha sido a forma que encontraram, os que pensaram o título, para evidenciarmos que a memória não pode ser pensada como um todo, somente em seus traços, impactos, fragmentos. Nossa memória é isso: fragmentos de gozo que impactaram nosso corpo. A memória nunca é total.

Nietzsche, em algum momento, propôs imaginar “O caso extremo de um homem que perdeu a força de esquecer, alguém que foi condenado a ver, em toda parte, um vir-a-ser. Esse homem não seria mais capaz de acreditar em sua própria existência; vendo todas as coisas fluírem separadamente em pontos móveis, ele se perderia, assim, nessa corrente de vir-a-ser.”¹

Alguns dizem que Borges não podia desconhecer este fragmento (era um grande leitor de Nietzsche) quando escreveu, em uma noite insone, o Funes, o memorioso. Não sabemos se sim, o certo é que, tanto para um quanto para outro, a impossibilidade de esquecer é uma condenação. E Nietzsche acrescenta algo mais: Esse homem não seria mais capaz de acreditar em sua própria existência. Para crermos em nossa própria existência é preciso que nossa própria memória seja fragmentada. Talvez os hifens nos lembrem que o esquecimento é necessário.

Como bem colocam no argumento, é Freud quem situa entre a percepção e a consciência, os traços sucessivos de memória, constituindo o inconsciente. Corpo e memória se entrelaçam por estes traços. E este é o corpo ao qual Lacan vai se referir quando coloca que os traços significantes afetam o corpo, mas, fundamentalmente, o constituem.

Temos umas Jornadas pela frente.

Conversaremos sobre isto e sobre os casos atuais em que é difícil a organização de um corpo. O que também torna muito difícil a intervenção do analista lá, onde algo desta organização e da inscrição falhou em seu ponto fundamental e os sintomas, enquanto formações do inconsciente, escasseiam.

Tradução por Bartyra Ribeiro (EBP/AMP).

Coordenadora da Comissão de Tradução das V Jornadas da EBP-SLO.

¹ Nietzsche, F. Sobre a Utilidade e a Desvantagem da História para a Vida, Inconsiderações Extemporâneas, Tradução de André Luís Mota Itaparica. São Paulo: Hedra, 2017.

Caroline Quixabeira traz as linhas claras da juventude ao apresentar rapidamente questões que permeiam a formação analítica aludindo perspectivas e conceitos que serão trabalhados nessas V Jornadas. Confira!



O corpo vivo na formação

Caroline Cabral Quixabeira
Participante da Nova Política da Juventude

A formação do analista não se faz por dois caminhos iguais. Cada um há de se encontrar com sua própria paixão pela ignorância para que seja possível alimentar e investigar o percurso frente ao saber. Diante da impossibilidade do universal do conjunto analista, a formação caminha mais ao lado da infinitude do que da finitude. O que permite à formação tomar esta perspectiva de não cessar de escrever? Ulloa² responde com a ideia do corpo vivo.

Ela continua afirmando ver o analista como aquele que tem um laço com a vida a partir de uma solidão não solitária. O que causa este efeito? De um lado a transferência com um "Outro do texto"³ e, do outro, o espaço da Escola representado não só por suas atividades semanais, como também pelas jornadas anuais.

Não estando a formação do lado cronológico, os encontros entre colegas permitem que todos possam contribuir de onde as suas caminhadas singulares vão se encontrando. Nestas contingências, as discussões e os tensionamentos que surgem propiciam os efeitos de surpresas e rupturas⁴ que dão forma às formações. Estas não se dão sem os corpos, levando aos falasseres o encontro com o vivo do que se é pensar e trocar entre vários. Não é à toa que a proposta é pensarmos o Corpo e a Memória.

Estes dois termos não só são próximos em nossa formação, como também na clínica e na contemporaneidade. Claudia Murta⁵ apresenta a jornada deste ano marcando como o corpo e a memória se entrelaçam pelos traços inscritos no aparelho psíquico, estes que em Freud⁶ são advindos das percepções externas e que precisam passar por um processo de tradução. Ainda que nem todas as percepções sejam traduzidas para as camadas seguintes, essa retenção desvia o processo excitatório.

Para Freud, são as leis psicológicas vigentes que vão direcionar este processo excitatório barrado. Mas como podemos pensar estes efeitos no corpo? Seria possível pensarmos esta retenção como algo da incidência do Um? E se falamos de corpo, qual é este estatuto⁷?

Os quatros eixos deste ano nos lançam estas e outras perguntas para que possamos, a partir do diálogo, ousar responder às relações entre o Um, o corpo e os discursos. Nesta jornada, inserem-se quatro caminhos de discussão guiados a partir da bibliografia proposta de cada eixo que nos levam a nos encontrar com o corpo, suporte do discurso, seus efeitos e particularidades.

2 Ulloa, Rachel Cors. De-formación del analista, Bitácora n8, 2019.

3 Rachel Cors Ulloa. De-formación del analista, Bitácora n8, 2019.

4 Brodsky, Graciela. Los psicoanalistas y el deseo de enseñar, Grama, 2023.

5 Murta, Claudia Argumento, Boletim Mnemis #0, 2024.

6 Freud, Sigmund. Carta 52, 1896.

7 Heinemann, Giovana. Editorial, Boletim Mnemis #1, 2024.

ARTE E CULTURA

Para esta edição do MNEMIS, os integrantes da Comissão de Arte e Cultura, Letícia Rosa e Rodrigo Oliveira entrevistaram duas artistas que farão parte da Exposição Corpo, M-E-M-Ó-R-I-A, sendo elas Fabíola Menezes e Rosana Paste, respectivamente. Confira o que elas contaram sobre seus trabalhos e suas vidas entrelaçadas com a arte.

SOBRE A ARTISTA FABÍOLA MENEZES

Comissão de Arte e Cultura das V Jornadas da EBP-SLO

LR: Para você, por que a Arte?

FM: Apesar de parecer clichê, acredito que a Arte me salva todos os dias e me traz o sentimento de pertencimento neste mundo. Sempre fui uma pessoa que se sentia um “peixe fora d’água”, e esse sentimento vem desde a infância.

Filha única por parte de mãe, aprendi a brincar sozinha e a criar o meu universo particular. Minha mãe sempre me incentivou com os materiais de desenho e gibis, então eu tinha por hábito cotidiano desenhar e ler. Na adolescência queria estudar Medicina, mas não foi possível, então, tardiamente, após ter meus dois filhos fui fazer Artes Plásticas como graduação.

No desenho e na pintura retomei aspectos que me permeavam desde a infância, e na conclusão de curso, busquei em meu trabalho final abordar o tema da morte a partir da busca da coloração do corpo morto no tom de pele de meus retratados.

O “isso já foi” de Roland Barthes, fazia presença nos retratos que pintei, a partir da ideia de permitir ao retratado se ver “morto” na contramão epicurista, a partir da coloração de sua pele: pálida, fosca e amarronzada. Como se fosse possível o retrato morrer no lugar do retratado, quase como num “retrato de Dorian Gray”.

Minha pesquisa sobre a morte se estendeu no mestrado e ampliou-se também sobre o morto e o morrer nas fotografias mortuárias realizadas em Juazeiro do Norte, Ceará. E, por fim, no doutorado me reaproximei do antigo sonho da medicina e acabei por entrar num programa de pós-graduação em Anatomia na USP. Todo o meu percurso artístico esteve envolto com a capacidade que a Arte possui de se expandir em diversos territórios de conhecimento, e, por isso, considero que ela me salva todos os dias, porque me traz sentido naquilo que a vida não dá conta.

LR: Como Corpo e Memória se relacionam com o seu desenvolvimento artístico?

FM: Para mim, o corpo é a representação física de um estado de memória, e no meu trabalho, esse corpo que vive e morre, que se desenvolve e se decompõe é a lembrança constante do indivíduo que permanece após a finitude. A aproximação com a anatomia e a representação do corpo descarnado, me permite ver cada linha, traço, volume, cor de um tecido biológico, que só funciona quando integrado a este corpo e possuído de vida. O tempo da vida também existe na morte, quando este corpo se transforma em pó ou matéria orgânica irreconhecível.

Cada corpo traz em si evidências de uma existência que possui data de validade, e no desenho e pintura eu consigo perpetuar essa existência como um reflexo daquilo que já se foi. Como uma capacidade de congelar o tempo, estancar a deterioração e permitir que a imagem viva além do tempo. Um devaneio sobre o poder da existência, que a Arte permite sem que eu me sinta no lugar da onipresença ou onisciência. Um devaneio sobre ser criadora e criatura ao mesmo tempo e espaço.



Título: “Das presenças que se fazem ausência ou das ausências presentes”. Tinta acrílica sobre mdf, 2010. 30x40cm



Título: Corpo-casa/ Técnica mista sobre papel, 2024. 29,7x42cm

SOBRE A ARTISTA ROSANA PASTE

Comissão de Arte e Cultura das V Jornadas da EBP-SLO

RO: Como a arte entrou em sua vida?

RP: Nasci e vivi até os 18 anos em Venda Nova do Imigrante ES. Filha de agricultores, sempre tivemos o privilégio de tradições culturais nas diversas áreas: agricultura, manualidades, alimento, autossustentância.

Neste sentido fui criada num berço esplêndido de significados. Por exemplo: o jeito de fazer canteiros na horta é muito plástico, a maneira de lidar com a feitura das casas de pau a pique é também muito rico de materiais e plasticidade etc. Neste sentido, quando adolescente, aos 16 anos, entendi que era esse meu lugar: ressignificar tudo que me foi dado e ampliar para o campo da arte. Foi assim que descobri o que faria para o resto de minha vida.



(Exposição "Entre Camadas". Foto: Rosana Paste).

RO: Como sua vida entra em sua arte?

RP: Arte e vida não são coisas diferentes. Estão atreladas e uma cria rizomas com a outra. Os pontos de fuga que aprendi a partir de meus estudos somam nesta busca infinita de estabelecer esse constante diálogo.

Acho que as resposta da primeira pergunta responde a segunda também.... meus materiais utilizados em minhas esculturas, as subjetividades, os conceitos estão impregnados pela minha vida, existência e finitude.

A arte não tem impregnados, mas o artista tem seu território. O meu território é meu chão e meu pedaço de céu que me acompanham onde eu estiver. E conheço desde que nasci.

LIVRARIA

Comissão de Livraria das V Jornadas da EBP-SLO

A Comissão de Livraria das V Jornadas da EBP-SLO preparou, para esta edição, três interessantes sugestões de leitura para os interessados em ampliar a visada teórica sobre o tema que permeará as V Jornadas da SLO, que abordará as questões ligadas ao CORPO, M-E-M-Ó-R-I-A. Aproveite essas sugestões para se debruçar, mais ainda, sobre o tema das nossas Jornadas.



O Autismo entre alíngua e a letra.

Por Patrício Álvarez Bayón.

Começamos por essa pergunta que Lacan se faz em A terceira que você destaca em seu livro: “como é possível que de alíngua se precipite uma letra?” [...]

De fato, a linguagem privada é um testemunho, por excelência, da construção de uma borda específica, entre o sujeito e o Outro com o qual tem que se haver. Esses fenômenos originais testemunham sobre o encontro com o banho de alíngua no qual o sujeito está imerso, em todas as suas variedades. O sujeito se extrai de alíngua comum apoiando-se na repetição da inscrição de palavras no corpo. O sujeito não está feito para comunicar-se, mas para incluir-se no mundo de forma autoerótica. E são os percursos que o sujeito fará que permitirão a ele obter essa inclusão no mundo.

Os casos clínicos que estão incluídos nesse livro, são exemplos vivos de como opera, em nossa orientação, o parceiro analítico do sujeito autista, seja criança ou adulto. Fica, para o leitor, poder ler o que, no encontro terapêutico, se escreveu em uma sessão de gozo.” Prólogo por Éric Laurent.

👉 Clique [aqui](#) para comprar.



Os mortos-vivos e a psicanálise: dos zumbis aos arrebatados pela imagem.

Por Henri Kaufmann.

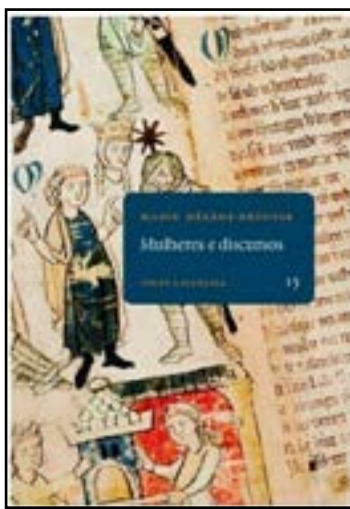
Mas nada parecia antecipar o sucesso cultural e a verdadeira avalanche de zumbis na cena contemporânea, cujo emblema mais conhecido é a série televisiva The Walking Dead (2010). Em um mundo pós-apocalíptico dominado por mortos-vivos, sobreviventes precisam lutar para encontrar refúgio. A Cultura se espalhou para todo lado. Uma visita rápida a uma loja de jogos em um shopping center da cidade comprova: não existe mais nenhum jogo de ameaça extraterrestre, agora as crianças se divertem atirando em zumbis, quer dizer, matando o que já está morto, num jogo virtualmente infinito. O drama edípico de Skywalker ou os desafios neuróticos do Dr. Spock parecem não mais ter lugar no mundo que saltou das telas para as ruas.

Os mortos-vivos estão não apenas nas ruas, nas cracolândias, mas também nos divãs. Enquanto o guloso Pac-Man se drogava com pílulas, nas quais ainda impera uma certa economia do prazer-desprazer dose-dependente (o prazer subitamente se transforma em desprazer, o remédio se torna ameaça, o feitiço se volta contra o feiticeiro), os mortos-vivos contemporâneos usam crack e seus subprodutos, rompendo completamente essa economia.

Não há drama edípico, nem lógica neurótica do retorno do recaiado, nem transformação econômica do prazer em desprazer. Estamos diante de um novo tipo de subjetividade, com seus regimes próprios de satisfação e suas formas próprias de não fazer laço.

O livro de Henri Kaufmann é uma leitura aguda da contemporaneidade e dos modos de produção de corpos que lhe são característicos. O ângulo a partir do qual o autor aborda o problema é não apenas inédito, como extremamente fecundo: o olhar, ou, mais precisamente, a experiência segregativa de não-ser-visto. Segundo suas próprias palavras: “O que estaria em jogo onde o olhar não alcança, quando não se está enquadrado no campo das imagens, que, diante da luz do mundo, acabam se constituindo a partir do espelho do Outro? ”.

👉 Clique **aqui** para comprar.



Mulheres e Discursos

Por Marie-Hélène Brousse.

O brilho deste livro, embora decorra, sobretudo, do modo como ele se teceu clínica e teoricamente, deixa ver, sem ofuscar ou deslumbrar, não apenas várias faces do discurso do mestre contemporâneo, em sua aliança de dependência das ciências e seus procedimentos tanto vigilantes quanto invasivos, mas também a declinação de modos de resposta possíveis oferecidos pela psicanálise de orientação lacaniana.

Escrito, bem como concebido, organizado, traduzido e revisto por mulheres, seus textos não se furtam a enfrentar, investigar e fazer avançar, à luz de seus 16 objetos temáticos, os paradoxos da própria psicanálise nas duas primeiras décadas do século XXI. Trata-se, como se pode aprender desde a primeira leitura, de escritos sobre a época atual que se valem das modalidades essenciais da relação com o saber inconsciente e não deixam de supor um ensino

renovado sobre o sexo e o feminino a ser desentocado do que se passa dia após dia no mundo, mas fundamentalmente do que tem sido levado à fala por aqueles que conferem à escuta de um psicanalista uma via para tornar seu sintoma operatório e assumir a escolha de seu modo de gozar.

Não há aqui, portanto, a defesa de um “nós”. Tampouco imparcialidade em face da renitente busca de uma invenção performativa de gêneros e identidades sexuais por indivíduos quase sempre agrupados em comunidades. São antes os efeitos da linguagem sobre o corpo e as cicatrizes deles decorrentes que servem de solo à história a ser subvertida e apropriada, se possível com alegria, pelos ditos homens e as ditas mulheres.

👉 Clique **aqui** para comprar.

INFORMAÇÕES BUSSOLARES



Essa seção do MNEMIS serve para facilitar o acesso às informações mais fundamentais das nossas V Jornadas, aqui você encontra o que precisar sobre onde, quando e como participar das nossas V Jornadas, inclusive sobre a produção de trabalhos e demais conteúdos norteadores.

Sobre as inscrições para as V Jornadas da EBP-SLO, observe atentamente as modalidades de participação oferecidas e faça sua opção.

PRESENCIAL, na UFES em Vitória – ES, vagas limitadas.

ONLINE, pela plataforma Zoom.

Os valores e categorias são:

Membro da EBP — R\$ 400,00

Profissionais — R\$ 300,00

Estudantes Universitários /Alunos do IPLO — R\$ 180,00

Estudantes Assistidos — Isentos (estudantes comprovadamente assistidos pelo Programa de Assistência Estudantil da Pró-Reitoria de Ações Afirmativas e Assistência Estudantil PROPAES, pela Secretaria de Inclusão Acadêmica e Acessibilidade SIAC, ou por órgão equivalente da Faculdade de origem).

Efetive sua inscrição clicando no link abaixo:

[!\[\]\(83bbbd261710c59db0214aa27b2edc0d_img.jpg\) CLIQUE AQUI PARA SE INSCREVER](#)

Informações da Comissão de Acolhimento

A Comissão de Acolhimento fez uma parceria com a agência de turismo VOARR para facilitar a viagem daqueles que atenderão às V Jornadas de forma presencial e que, claro, queiram também aproveitar e conhecer a Ilha do Mel com muito conforto e facilidade.

Ainda, a Comissão indica quatro hotéis próximos ao evento e se coloca à disposição para oferecer informações, bem como a agência VOARR. Conheça os pacotes oferecidos e faça sua cotação através do telefone/ *whatsapp* +55 (27) 99920-9898 ou das páginas das redes sociais @voarr.com.br. Esperamos vocês!



Informações da Comissão de Divulgação

Nossas V Jornadas também estão marcando presença nas redes sociais, no site da Escola Brasileira de Psicanálise e fazendo o possível para que a divulgação do material e que o trabalho de todas as Comissões seja apresentado ao longo desses meses que precedem a realização das V Jornadas. Confira o que estamos preparando no **Youtube, Instagram, Facebook** e, também, inscrevam-se para receber os e-mails com as atividades realizadas pela Seção Leste-Oeste ao longo do ano.

Para dúvidas e informações envie e-mail para:

ebpslo.info@gmail.com

Direção Geral

Ruskaya Maia

Claudia Murta

Comissão de Boletim

Ary Farias – Coordenador

Daiane O. Ribeiro Ruiz

Giovana B. B. Heinemann

Isangela Lins

Maria Clara Serles Farias

Tiago Barbosa

Trabalho Técnico

Bruno Senna

Mnemis

**Boletim Eletrônico das V JORNADAS DA
EBP SEÇÃO LESTE-OESTE**

REALIZAÇÃO



*Escola Brasileira
de Psicanálise*
Seção Leste-Oeste

APOIO

